

ALEXANDRA MARIA PEREIRA

**UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO: CARLO GINZBURG E A
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM *O
QUEIJO E OS VERMES***

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

Mariana, 2004.

ALEXANDRA MARIA PEREIRA

**UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO: CARLO GINZBURG E A
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM *O
QUEIJO E OS VERMES***

**Monografia apresentada ao Curso
de História da Universidade Federal
de Ouro Preto como parte dos
requisitos para a obtenção do grau
de Bacharel em História.
Orientadora: Helena Miranda Mollo.**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

Mariana, 2004.

À minha mãe.

**Agradeço às minhas irmãs, às
minhas amigas Aída e Josi
e aos meus professores
Helena Mollo e Ângelo Carrara.**

Resumo

Monografia de Bacharelado em História que analisa a construção do conhecimento histórico a partir da proposta metodológica do historiador italiano Carlo Ginzburg em seu livro *O queijo e os vermes*. Uma discussão importante feita pelo historiador italiano nesta obra se refere ao caráter objetivo da História, e aí se encontra sua principal contribuição aos estudos da Metodologia: o paradigma indiciário. Durante o desenvolvimento dessa monografia, buscou-se analisar a forma como Ginzburg reconstituiu a identidade do objeto histórico, em *O queijo e os vermes*, de acordo com a sua opção pela leitura das formas culturais, o conceito de *circularidade*, em conjunto com as redes de relações presentes na temporalidade.

Abstract

This Monograph, for a bachelor's degree in History, analyses the building process of historical knowledge from the methodology proposed by the Italian historian Carlo Ginzburg in his book *O queijo e os vermes*. One of the most important issues presented by the author refers to History and its objective character. And that's where his great contribution to the studies about methodology is: the index paradigm. Throughout the development of this monograph, the way Ginzburg rebuilt the identity of the historical object based on his own view about the cultural forms reading process – the concept of *circularity* – is deeply analysed, combined with the relationship nets built across the Time.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. A micro-história. Algumas considerações sobre a sua historiografia.....	11
2.1. A micro-história: Uma visão interna.....	11
2.2. A micro-história: Uma visão externa.....	15
3. O lugar ocupado pelo historiador italiano.....	20
4 . Uma metodologia: “Sinais, raízes de um paradigma indiciário”.....	23
5. <i>O queijo e os vermes</i>	27
5.1. Considerações acerca do prefácio à edição italiana.....	27
5.2. Menocchio: Um moleiro e sua temporalidade.....	28
5.3. O personagem e a construção de sua personalidade por Carlo Ginzburg.....	30
5.4. Do que é constituído o queijo e os vermes?.....	34
5.5. A construção do conhecimento histórico em <i>O queijo e os vermes</i>	39
6. Conclusão.....	43
7. Fontes.....	46
8. Referências bibliográficas.....	47

1- Introdução

Com esta monografia pretende-se uma discussão historiográfica. Tratamos de uma abordagem específica da relação entre conhecimento científico e os parâmetros de objetividade histórica proposta durante as últimas décadas do século XX. Tal abordagem é responsável, em contornos gerais, pelo aparecimento do campo da Micro-história.

A argumentação presente nesta monografia está baseada nas reflexões teóricas e na prática historiográfica de Carlo Ginzburg, principalmente no que tange ao paradigma indiciário, ao conceito de *circularidade* aplicado em sua famosa obra, especialmente entre os brasileiros, *O queijo e os vermes*. A opção feita pela análise deste livro se deve à importância de sua publicação no meio historiográfico, uma vez que, além de abarcar a proposta de construção do conhecimento histórico por Carlo Ginzburg, apresenta o conceito de *circularidade* como forma de leitura da cultura. Além dessa perspectiva, procuramos relacioná-lo com alguns dos problemas epistemológicos enfrentados pela História nesses tempos ditos pós-modernos.

Carlo Ginzburg é hoje um renomado historiador, e pode-se dizer que várias inovações da historiografia contemporânea ocorreram dentro do contexto em que ele se insere. A sua proposta para a produção do conhecimento histórico pode ser relacionada tanto com as suas pretensões pessoais para esse conhecimento histórico quanto com o contexto do qual esse historiador faz parte, a micro-história. A problemática que envolve a sua proposta ocorre segundo o pressuposto de que é inviável o conhecimento direto dos fatos do passado. Assim, eles (os fatos) se apresentam na realidade de forma “opaca”. Porém, esses fatos também possuem “zonas privilegiadas”: são os sinais, as

pistas, os indícios; e é na importância dada a essas zonas privilegiadas que o historiador poderá captar imagens do passado. Em função dessa constatação, pode-se supor que Ginzburg formula uma questão referente à objetividade histórica: Como estabelecer um método de reconstituição histórica que esteja apto a captar e ampliar a leitura das imagens do passado?

Para as reflexões apresentadas por Ginzburg, é importante que seja feita uma apresentação do contexto e momento em que está inserido o autor, bem como uma apresentação de sua proposta.

Podemos localizar um profícuo questionamento da História Social desde a década de 1960, mas pontuamos, nesta monografia, um momento, que é o da década de 1980, quando um grupo de historiadores italianos teve um papel bastante importante. Este grupo caracteriza-se por criticar principalmente uma história de cunho macrossocial tradicional. Tal discussão envolveu os modelos da vertente historiográfica francesa e da historiografia social neo-marxista inglesa. Nesta discussão, que acabou por derivar a micro-história, marcou-se um novo encontro com a Antropologia, campo responsável por uma reconstituição histórica pautada nas redes de relações sociais e individuais. O encontro com a Antropologia sempre significou para a História um enriquecimento de seu aparato teórico, desde a primeira fase dos Annales, de Bloch e Febvre. Da década de 1920 em diante, podemos ver no horizonte da História serem propostos conceitos como fato histórico e contexto – e, de certa forma, também a conjuntura para Bloch – devedores do fato social total de Marcel Mauss. Mais recentemente, na fase dos Annales chamada de terceira geração ou Nova História, vemos a Antropologia presente mais uma vez ao encontro com a História, influenciando sua forma de tratar o conceito de cultura.

Ao se caminhar para além das fronteiras francesas, a Antropologia não se afasta da História, visto que o conceito de cultura está igualmente presente no pensamento de Franz Boas, Edmund Leach, Victor Turner e Clifford Geertz, influências marcantes da historiografia de língua inglesa.

O escopo desta discussão pretendia um método de cunho qualitativo, a partir de uma redução da escala do objeto, com a finalidade de estabelecer uma relação entre os panoramas micro e macro. O grupo da micro-história, mesmo com perspectivas em comum, apresentou uma diversidade de enfoque. De um lado, foi possível distinguir uma vertente com influência da Antropologia e da História Social anglo-saxã, o que manifestou interesse por uma nova História do social. São estes: Edoardo Grendi, Giovanni Levi e Carlo Poni. Por outro, têm-se o renomado Carlo Ginzburg e a sua vertente cultural do social. O referencial deste grupo, como ressalta a historiadora brasileira Sandra Jatahy Pesavento, está pautado nas

representações construídas na História que se expressam por imagens e discursos portadores de significados outros que aqueles que, aparentemente, se dão a ver e a ler.¹

As mudanças propostas por estes historiadores produzem um novo método de investigação, baseado em referências teóricas variadas com possibilidades de leitura do social mais ampliada.

O papel ocupado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg dentro da História, e sobretudo em sua vertente cultural do social, além de estar vinculado às questões referentes ao projeto da micro-história, demonstra uma forte ligação com a sua opção pessoal pelo detalhe revelador que escapa aos grandes modelos.

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Esta história que chamam de micro*, pg. 211.

Uma contribuição valiosa para a História Social e para a leitura das formas culturais pode ser observada em sua obra *O queijo e os vermes*. Nessa obra, é possível perceber a sua proposta e as principais questões abordadas no exercício da pesquisa histórica.

2- A micro-história. Algumas considerações sobre a sua historiografia.

Podemos perceber a partir do levantamento de publicações e artigos referentes à micro-história estudos provenientes tanto de seu próprio meio quanto de estudiosos sobre o tema. A preocupação apresentada nas discussões acerca da micro-história se encontra na busca pela leitura e inserção desse movimento dentro do contexto da História Social das últimas décadas do século XX e das perspectivas históricas que unem os denominados micro-historiadores.

2.1- A micro-história: Uma visão interna.

O primeiro artigo a ser abordado com relação ao debate micro-histórico dentro do grupo intitula-se “O nome e o como” de Carlo Ginzburg e Carlo Poni, que se encontra no livro *Micro-história e outros ensaios*. Este trabalho é considerado um dos primeiros sobre a micro-história, com publicação em 1979, e pode ser considerado uma espécie de primeiro momento das perspectivas micro-históricas. Os autores iniciam o artigo debatendo a crise da história quantitativa e serial, os problemas da longa duração e

a falta de uma análise qualitativa para o exercício da pesquisa histórica, além de proporem um direcionamento a favor das pesquisas microanalíticas em função das crescentes dúvidas sobre as pesquisas macroanalíticas. Em relação ao debate teórico da História, evidenciam a estreita relação entre História e Antropologia, como aspecto dessa nova abordagem histórica.

Mas se o âmbito da investigação for suficientemente circunscrito, as séries documentais podem sobrepor-se no tempo e no espaço de modo a permitir-nos a encontrar o mesmo indivíduo ou grupos de indivíduos em contextos sociais diversos. O fio condutor de Ariana que guia o investigador no labirinto documental é aquilo que distingue um indivíduo de um outro em todas as sociedades conhecidas: o nome.²

Todo este processo de análise micro-histórica move-se de uma escala reduzida para a reconstituição do social através de indagações sobre as estruturas nas quais estão inseridos esses objetos particulares, competindo ao próprio historiador a responsabilidade de interação entre o objeto e o seu contexto. Neste momento, a Antropologia fornece ao historiador as bases para a construção da rede de relações necessárias para a interpretação.

Um outro artigo importante para esse grupo é “Repensar a micro-história?”, de Edoardo Grendi. A sua análise é recente (1998), e este historiador a desenvolve, buscando a compreensão de pontos que possam caracterizar a imagem do grupo. Ele a identifica como uma “comunidade de estilos” de um grupo de historiadores italianos que se propôs a realizar uma reconstrução histórica vista como prática apoiada em forte discussão teórica e análise densa do objeto, seguindo a proposta de Clifford Geertz. O grupo focalizava uma escala de análise reduzida, mas não apresentava um “projeto em comum”, inviabilizando uma sistematização que os levasse ao reconhecimento de grupo

² GINZBURG, Carlo & PONI, Carlo. *O nome e o como*. In: *A micro-história e outros ensaios*, pg. 173/174.

homogêneo. Para Grendi, esse fato impossibilitou o estabelecimento de textos fundadores e a sua afirmação como uma escola.

Durante o momento germinador da microanálise, os olhares desses historiadores se detiveram na “história vista de baixo”, proposta iniciada em 1966 por Edward Thompson para a leitura do movimento operário na Inglaterra do período industrial. A leitura proposta por Thompson teve grande influência nos trabalhos História Social, uma vez que apresentou as noções de experiência e cultura no cerne das análises sobre a ação social. Tal perspectiva, segundo Grendi, desenvolveu-se pela influência da Antropologia, passando do quantitativo para o qualitativo e com forte enfoque nas práticas sociais.

A micro-história, desde a sua formação, se desdobrou em duas diferentes vias: na pesquisa histórica ligada a uma discussão teórica e com referências na Antropologia Cultural; e na experiência microanalítica diretamente relacionada com a elaboração do contexto histórico.

(...) a escolha essencial de uma escala de observação se baseia na convicção central de que ela oferece a possibilidade de enriquecer as significações dos processos históricos por meio de uma renovação radical das categorias interpretativas e de sua verificação experimental³.

Giovanni Levi em seu artigo “Sobre a micro-história”, apresentado na obra *A escrita da História* organizada por Peter Burke, afirma ser este trabalho uma descrição e avaliação pessoal do que poderia ser reconhecido como micro-história. Membro atuante e significativo desse grupo, neste artigo ele produz uma análise bastante elucidativa sobre as variantes desse tema. A origem do movimento surgiu como resposta

³ EDOARDO, Grendi. *Repensar a micro-história?* In: *Jogos de escalas*, pg.162.

à escrita da História tradicional e ao movimento relativista que se constituía. Ao se referir a elementos que caracterizavam a micro-história, ele organiza uma série de pontos:

Estas, então, são as questões e posições comuns que caracterizam a micro-história: a redução da escala, o debate sobre a racionalidade, a pequena indicação como um paradigma científico, o papel do particular (não, entretanto, em oposição ao social), a atenção à capacidade receptiva e à narrativa, uma definição específica do contexto e a rejeição do relativismo⁴.

A importância da escala para a pesquisa micro-histórica e a influência antropológica (em particular a descrição densa de Clifford Geertz) são pontos que Levi vê como cruciais para os ideais do grupo de micro-historiadores. Mas também reconhece um problema referente à Antropologia; o relativismo proposto por Geertz é visto como a principal diferença de perspectiva entre as duas disciplinas.

Acredito ser necessário tentar medir e formalizar os mecanismos de racionalidade limitada em que a localização de seus limites varia com as várias formas de acesso à informação- para permitir o entendimento das diferenças existentes nas culturas dos indivíduos, grupos e sociedades em várias épocas e locais. A qualidade um tanto alusiva do importante, mas incompleto sistema de Geertz, negligencia esse objetivo⁵.

Um ponto importante em que Levi se detém é a forma de como a micro-história passou a abordar a narrativa histórica. O ponto de vista do pesquisador tornou-se parte intrínseca do relato, bem como a responsabilidade de reajustamento das lacunas existentes na documentação e técnicas para um trabalho qualitativo.

A abordagem micro-histórica dedica-se ao problema de como obtemos acesso ao conhecimento do passado, através de vários indícios, sinais e sintomas. Esse é um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico.⁶

⁴ LEVI, Giovanni. *Sobre micro-história*. In: *A escrita da história*, pg.159.

⁵ *Idem*, pg. 150.

⁶ LEVI, Giovanni. *Sobre micro-história*. In: *A escrita da história*, pg. 154.

A citação acima é um dos pontos fundamentais para o exercício de pesquisa micro-histórica e se insere em uma discussão voltada para a variação da escala (a relação entre parte e o todo), que constituiu uma nova perspectiva de abordagem do objeto, analisando a dimensão social, segundo uma rede de relações.

2.2- A micro-história: Uma visão externa.

Jacques Revel organiza o livro cujo título é *Jogos de escalas: A experiência da microanálise*, e esta obra é uma série de artigos sobre o projeto micro-histórico. Revel é reconhecido como um colaborador ativo do movimento micro-histórico, sempre presente nas discussões do grupo.

A abordagem apresentada neste livro gira em torno da variação da escala – metodologia proposta nos trabalhos dos micro-historiadores italianos a partir de suas experiências de pesquisa micro-analíticas. No decorrer da análise dos artigos, notamos, entre opiniões de historiadores e antropólogos, uma preocupação visando à ampliação da leitura do objeto de pesquisa.

Segundo Revel, a variação da escala utilizada nos estudos da micro-história gerou discussões e abordagens que podem ser definidas em duas posturas essenciais com relação aos trabalhos micro e macro-analíticos. Uma postura é relativista e faz da variação da escala um recurso excepcional para a ampliação da leitura do social; e a outra, fundamentalista, que defende o privilégio absoluto do micro em relação ao macro.

São três os principais artigos do livro para esta monografia. O primeiro,

“Microanálise e Construção do social”, de Jacques Revel. Inicialmente, o autor apresenta um breve histórico da História Social em virtude de um esclarecimento acerca do surgimento da micro-história. Em seguida, trabalha com dois aspectos inerentes a ela: um seria a variação da escala, marco teórico fundamental e que parte de uma escala particular de observação colocada para a ampliação do conhecimento do social.

O projeto é fazer aparecerem, por trás da tendência geral mais visível, as estratégias sociais desenvolvidas pelos diferentes atores em função de sua posição e de seus recursos respectivos, individuais, familiares, de grupo, etc⁷.

O outro aspecto, e também uma consequência do anterior, refere-se ao desenvolvimento de uma narrativa mais elaborada, apta e responsável pela interação entre os contextos micro e macro.

Em “Da micro-história a uma antropologia crítica”, o antropólogo Alban Bensa apresenta a relação de proximidade existente entre o trabalho de campo da Antropologia e a pesquisa micro-histórica. Para ambas, as noções de contexto, de temporalidade (mesmo tendo concepções diferentes), de escala e de símbolo são formas de ampliação do conhecimento. As sugestões discutidas por ele neste capítulo tornam evidentes as fundamentações do trabalho micro-histórico e uma das observações feitas diz respeito ao aspecto da produção micro-histórica de modo a esclarecer a crítica referente a um estudo voltado ao micro:

A micro-história não rejeita portanto, a história geral, mas introduz a ela, tomando o cuidado de distinguir os níveis de interpretação: o da situação vivida pelos atores, o das imagens e símbolos que eles acionam, conscientemente ou não, para se explicar e justificar, o das condições históricas da existência dessas pessoas na época em que seus discursos e seus comportamentos foram observados⁸.

⁷ REVEL, Jacques. *Microanálise e construção do social*. In: *Jogos de escalas*, pg. 22.

⁸ BENSA, Alban. *Da micro-história a uma antropologia crítica*. In: *Jogos de escalas*, pg. 45.

Segundo o antropólogo, a importância da temporalidade dada pela micro-história foi um fator que trouxe contribuições ao trabalho antropológico, uma vez que insere o objeto de análise em sua temporalidade, auxiliando a leitura das dimensões do mundo social de determinada época. A variação da escala e o recurso simbólico são percebidos como filtros para a leitura da sociedade, e um exercício de pesquisa sem tais recursos gera um trabalho limitado.

(...) colocá-la como objeto fechado e determinado por seus contornos implica nos afastarmos deliberadamente dos movimentos que constituem a realidade⁹.

Assim, a utilização da variação da escala é uma importante forma de orientação do objeto tanto para antropólogos quanto para historiadores, na medida em que podem ser lidos em função de um movimento interativo.

Por fim, cito novamente Edoardo Grendi em seu artigo “Repensar a micro-história?”. Grendi vê na influência antropológica sofrida pela micro-história uma contribuição através da qual a História Social pôde ampliar a sua leitura, passando do quantitativo para o qualitativo através da busca pelas “práticas sociais”.

O papel ocupado pelo diálogo com a Antropologia foi, de certa forma, responsável pelo desenvolvimento e construção de uma rede de relações que envolve o objeto histórico em função do social. A variação da escala como uma consequência desse diálogo tornou-se importante ferramenta para este projeto e marcou uma fecunda interação entre essas disciplinas.

No Brasil, o tema micro-histórico é apresentado por Ronaldo Vainfas em *Micro-história: Os protagonistas anônimos da história*. Este livro esclarece algumas questões neste campo, além de fornecer um resumo das principais obras da micro-

⁹ Idem, pg. 66.

história e sobre a micro-história. O autor não foge ao necessário comentário sobre a aproximação entre História e Antropologia e o modo de lidar com a temporalidade.

A questão teórica e metodológica dos micro-historiadores é também discutida e problematizada no artigo “Esta história que chamam micro” (PESAVENTO, 2000) pela historiadora Sandra Jatahy Pesavento. A historiadora propõe uma análise acerca da “validade” de pesquisas nestes moldes, suscitando questões sobre o ofício do historiador. Este artigo é de grande importância para a proposta que está se desenvolvendo nesta monografia, pois, além de tratar as principais questões que envolvem a micro-história, focaliza a proposta de Carlo Ginzburg e a sua relação com a História Cultural do Social.

O sempre citado Carlo Ginzburg aprofunda as análises da produção das formas culturais, e pode-se dizer que seu valor se expressa não só nas obras que tem publicado, onde se juntam pesquisa intensa com reflexão crítica minuciosa e arguta, como se constitui num dos maiores exemplos do exercício da prática historiográfica ligada à teoria.¹⁰

Após a apresentação do surgimento e gênese da micro-história, inicia uma análise das principais questões que envolvem a micro-história. Segundo Pesavento, a postura que os micro-historiadores assumiram ampliou o diálogo interdisciplinar, acompanhado por uma redução da escala e exaustiva pesquisa em arquivo, o que possibilitou para o campo da história a ampliação da leitura do social. Essa leitura ocorreu em função das articulações entre a parte e o todo, ou seja, a variação da escala. Para o surgimento desse modo de produção histórica novamente se confirma o papel fundamental da Antropologia.

Um dos sintomas dessa mudança nas “regras do jogo” foi dado pela aproximação da História com a Antropologia, o que tanto permitiu a descida à rede de relações sociais mais capilares, de base e mesmo individualizadas, como oportunizou a discussão do caráter simbólico das construções sociais.¹¹

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Esta história que chamam micro*, pg. 224.

¹¹ Idem, pg. 218.

Sandra Jatahy Pesavento exemplifica o trabalho micro-histórico citando duas importantes obras, *O queijo e os vermes* de Carlo Ginzburg e *A herança imaterial*, de Giovanni Levi, concluindo da seguinte forma:

Destaca-se, tanto na obra de Ginzburg como na de Levi, a redução da escala como forma de acesso a questões mais sutis e difíceis de apreender na sua irreduzível especificidade no tempo passado, sejam elas o exercício do poder, sejam as representações sociais.¹²

Fica evidente o papel da redução da escala nos trabalhos dos micro-historiadores italianos para a proposta de reconstituição histórica.

A historiadora finaliza o seu artigo apresentando a sua posição perante o conhecimento histórico de acordo com a proposta desse grupo. O parâmetro para a “veracidade” do texto é dado pelas marcas de historicidade extra-textuais, e relacionando-o com o contexto em que está inserido. Assim, são atribuídas ao papel do historiador as responsabilidades de reconstrução histórica, através da erudição que ele possui, caracterizada como o seu capital específico. “(...) são, a rigor, as perguntas que um historiador faz ao seu objeto, problematizando-o, que o constroem como “documento” e o fazem “falar”.¹³ Para a historiadora, as discussões promovidas pelos micro-historiadores italianos – e de modo singular por Carlo Ginzburg – proporcionaram para a produção do conhecimento histórico uma importante contribuição para a transformação da História Social.

¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Esta história que chamam micro*, pg. 222.

¹³ Idem, pg. 230.

3- O lugar ocupado pelo historiador (italiano).

Durante o século XX a construção do conhecimento histórico passou por um processo de desconstrução da História tal como Leopold Von Ranke a propôs. A História dos grandes acontecimentos e homens, apta a reproduzir os fatos do passado da forma como aconteceram, foi perdendo seu lugar para uma História problematizada com novas abordagens, objetos e fontes. Nas últimas décadas do século XX, os problemas epistemológicos enfrentados pela história se voltam para a objetividade do conhecimento histórico. Nesses tempos ditos pós-modernos um grupo de historiadores que contava com a presença do semiólogo Roland Barthes, além da obrigatória participação do historiador norte-americano Hayden White defende a redução da historiografia à retórica:

(...) a historiografia, assim como a retórica, se propõe unicamente a convencer; o seu fim é a eficácia, não a verdade; de forma tão diversa de um romance, uma obra historiográfica constrói um mundo textual autônomo que não tem nenhuma relação demonstrável com a realidade extratextual à qual se refere e textos historiográficos e textos de ficção são auto-referenciais tendo em vista que estão unidos por uma dimensão retórica.¹⁴

De acordo com esse grupo, uma discussão que trate da objetividade histórica não tem mais sentido. Logo, o historiador se questiona: Qual a finalidade da história? Como falar em construção do conhecimento histórico, se tudo se resume em retórica? Para que servem, então, as discussões epistemológicas e as propostas metodológicas?

Além de ser um importante nome da pesquisa no campo da História Social nos últimos anos, Carlo Ginzburg, com a sua proposta metodológica para a construção do conhecimento histórico, toma a frente de um movimento contrário ao relativismo pós-moderno de Hayden White. A sua postura diante do relativismo está claramente

¹⁴ GINZBURG, Carlo. *Sobre Aristóteles e a história, mais uma vez*. In: *Relações de força*, pg. 48.

apresentada no seu mais recente trabalho: *Relações de força. História, Retórica e Prova*. Os artigos que constituem esta obra fazem um combate pela história, e apontam criticamente os principais pontos de apoio do pós-modernismo de modo a “desconstruir” os ideais propostos neste movimento.

Todos esses questionamentos geram uma série de outros tantos, e os historiadores se perguntam constantemente sobre sua identidade, sobre o caráter científico da História, e sobre como torná-la o mais inteligível possível, utilizando métodos e teorias que possam favorecer a reconstituição das imagens do passado. Esta problematização está inserida nas reflexões teóricas e na proposta metodológica apresentada por Carlo Ginzburg em seus trabalhos, uma vez que ele apresenta, para a produção do conhecimento histórico, novos conceitos no modo de lidar com as fontes e ampliar a leitura dos objetos. A opção proposta por Carlo Ginzburg para a abordagem do conhecimento histórico através do paradigma indiciário pode ser colocada como uma reação, de um lado, ao método tradicional da construção do conhecimento histórico e, de outro, ao movimento relativista.

O diálogo interdisciplinar é parte intrínseca dos trabalhos de Carlo Ginzburg. Foi através da aproximação feita com a Antropologia Cultural que a reconstituição histórica pautada nas redes de relações sociais e individuais começaram a se constituir na história a partir do movimento ocorrido na Itália denominado micro-história, do qual faz parte Carlo Ginzburg. Para Ronaldo Vainfas no já citado aqui *Micro-história: os protagonistas anônimos da História*, os laços que unem História e Antropologia são estreitados pela Antropologia Interpretativa de Clifford Geertz difundida na década de 1970, sobretudo após a publicação de *A interpretação das culturas*. O conceito-chave

seria o de uma *descrição densa*, com seu enfoque interpretativo detalhado e verticalmente intenso.

Pode-se dizer que com Ginzburg, a pesquisa apresentou mudanças no processo de utilização das fontes. Uma destas mudanças se encontra no fato de que estas fontes deixaram de ser abordadas apenas em seu caráter quantitativo, passando a dar-se mais ênfase ao seu caráter qualitativo.

Eu não queria detectar uma falsificação, mas sim mostrar o que o *hors-texte*, o que está fora do texto, está também dentro dele, abriga-se entre as suas dobras: é preciso descobri-lo e fazê-lo falar¹⁵.

“Deixar a fonte falar”, para Ginzburg, implica na utilização e no auxílio de disciplinas, como, por exemplo, a semiótica e a arqueologia em suas obras. Com isso, mais uma vez, o diálogo entre as disciplinas se faz fundamental para uma leitura do social mais ampla.

A contribuição de Carlo Ginzburg para a História Cultural é significativamente expressiva. Como ele reconhece no prefácio à edição italiana de *O queijo e os vermes* o conceito de cultura, oriundo da Antropologia Cultural, foi empregado tardiamente pelos historiadores. Na perspectiva de Ginzburg, pode-se dizer que sua leitura do conceito de cultura tem como resultado a proposta do conceito de *circularidade cultural*, que acrescenta uma profícua relação entre cultura erudita e cultura popular.

Portanto, temos, por um lado, dicotomia cultural, mas, por outro, circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica, particularmente intenso na primeira metade do século XVI.¹⁶

A preferência do historiador italiano pelo estudo das formas culturais e a

¹⁵ GINZBURG, Carlo. *Introdução*. In: *Relações de força. História, retórica e prova*, pg. 42.

¹⁶ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 20.

proposta teórica realizada por ele fazem de seus trabalhos referências para os procedimentos a serem utilizados em um exercício de pesquisa neste campo. Encontra-se nos trabalhos de Carlo Ginzburg uma perspectiva de “exemplo” da proposta da micro-história: interesse pelo detalhe revelador, pelo estudo morfológico, pela articulação destes detalhes com o todo e pelo uso que faz da variação da escala na história.

4- Uma metodologia: “Sinais, raízes de um paradigma indiciário”.

O capítulo “Sinais, raízes de um paradigma indiciário” do livro *Mitos, emblemas e sinais* é o principal foco da problematização desta monografia.

A “procedência”, adotada por Carlo Ginzburg no decorrer deste capítulo, é importante em função da sua proposta metodológica para a pesquisa histórica, e onde ficam claras a sua opção teórica e a relação que estabelece entre os parâmetros do que percebe como verdade histórica e uma superação da contraposição entre racionalismo/irracionalismo. Assim, a questão proposta por esta monografia pode ser resumida dessa forma: quais as conseqüências do paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg para o processo de reconstrução histórica?

O processo de análise histórica do paradigma indiciário, presente na proposta de Ginzburg demonstra, de modo geral, como ele foi aplicado ao longo do tempo, nas diversas disciplinas que se utilizaram desta metodologia como ferramenta de trabalho.

Para Ginzburg,

O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente.¹⁷

¹⁷ GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia e História*, pg. 152.

Desde os primórdios da peregrinação humana na terra, há a necessidade de utilizar meios que favoreçam ao homem o conhecimento de si e de seu meio. E a construção desse conhecimento em grande parte ocorreu através das especulações e das experiências vivenciadas por ele.

Durante a apresentação do artigo, Carlo Ginzburg pontua os primeiros contatos das ciências humanas com o paradigma indiciário.

No final do século XIX – mais precisamente, na década de 1870/80 –, começou a se afirmar nas ciências humanas um paradigma indiciário baseado justamente na semiótica. Mas as suas raízes eram muito antigas.¹⁸

A sua origem, contudo, se encontra no saber de tipo venatório, quando o homem ainda era um caçador, lembra Ginzburg. Nesse momento, as experiências obtidas com as pistas e vestígios eram utilizadas para a sua sobrevivência em um meio onde as relações giravam em torno da busca pelo alimento.

O historiador italiano afirma que durante aproximadamente os séculos XVII, XVIII e XIX várias foram as avaliações e definições dos parâmetros de validade dos métodos científicos e dos métodos voltados para a particularidade do objeto com base nas experiências. Para esse período Ginzburg fez um levantamento das áreas e temas que buscavam nas análises indiciárias (por exemplo, a pintura, a literatura, o romance policial, a psicanálise e o método morelliano) a utilização e os procedimentos desse modelo morfológico.

O tapete é o paradigma que chamamos a cada vez, conforme os contextos, de venatório, divinatório, indiciário ou semiótico. Trata-se, como é claro, de adjetivos não-sinônimos, que no entanto remetem a um modelo

¹⁸ GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia e História*, pg. 151.

epistemológico comum, articulado em disciplinas diferentes, muitas vezes ligadas entre si pelo empréstimo de métodos ou termos-chave¹⁹.

Quando se lê “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, percebe-se uma espécie de emaranhado de campos e disciplinas que vão e voltam no tempo, e implicam uma diversidade muito grande de temas. Mas a proposta de Ginzburg é de que cada um desses momentos apresenta aos seus leitores uma longa jornada de existência deste método tão presente em vários momentos na própria história da sociedade humana. Pode-se, então, afirmar que uma das grandes contribuições de Ginzburg é a proposta deste método à análise histórica.

A justificativa apresentada por Ginzburg para a utilização deste método indiciário como ferramenta para recomposição histórica também não se difere em muito da justificativa que se tem quando é aplicado em outros campos. Isso ocorre na medida em que admitimos a inviabilidade de um conhecimento direto, levando-se sempre em conta que a realidade se mostra sempre opaca; contudo, ela também é possuidora de “zonas privilegiadas”, e, a partir dessa constatação, pode se realizar a apreensão do conhecimento.

Nas últimas décadas do século XX, o rigor científico vem sofrendo críticas com relação às perspectivas de construção de um conhecimento exato e direto, e tal fato ocorre em várias disciplinas e em função de um movimento de cunho relativista.

Pode-se afirmar que a metodologia proposta por Ginzburg renova muitas das discussões historiográficas, defendendo o distanciamento da história em relação às perspectivas pós-modernas. A produção do conhecimento histórico se torna viável,

¹⁹GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia e História*, pg. 170.

segundo Ginzburg, a partir do momento em que o objeto de análise histórica se encontra dentro de uma temporalidade, e o historiador só pode apreender o objeto em função de sua particularidade.

5- *O queijo e os vermes*

5.1- Considerações acerca do prefácio à edição italiana.

No prefácio à edição italiana de *O queijo e os vermes* encontramos de forma clara o debate teórico que envolve a construção do conhecimento histórico nas obras de Carlo Ginzburg. Neste prefácio, o historiador italiano apresenta o conceito de *circularidade cultural* como opção de leitura e apreensão da experiência cultural para o período renascentista.

A problematização da pesquisa realizada por Ginzburg parte das condições e realidade da escassez de relatos sobre o comportamento e as atitudes das classes subalternas durante o período renascentista. O historiador que ambiciona por uma leitura da classe subalterna além de se deparar com o problema dessa escassez documental, se depara também com a realidade de que estas fontes são escritas por indivíduos ligados à cultura dominante. Carlo Ginzburg intervém da seguinte forma:

Porém, os termos do problema mudam de forma radical ante a proposta de estudar não a 'cultura produzida pelas classes populares', e sim a 'cultura imposta às classes populares'²⁰

O historiador italiano no decorrer desse prefácio apresenta brevemente algumas perspectivas de leitura do cultural que foram utilizadas durante a última metade do século XX. Como um exemplo ele lembra Robert Mandrou, que discutiu essa questão ao trabalhar com a literatura de cordel, mas suas considerações sobre o problema se endereçaram ao povo e à imposição sofrida por ele pela classe dominante, ocorrendo uma aculturação das classes subalternas. Já em outro exemplo, Geneviève Bollème, que

²⁰ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 17.

tem uma visão da literatura de cordel voltada a um panfletarismo, vê existir a expressividade de uma classe popular original e autônoma. As críticas feitas por Ginzburg também englobam o trabalho realizado por Michel Foucault, mesmo quando este chama a atenção para a prática de pesquisa voltada as exclusões e proibições, “O que interessa sobretudo a Foucault são os gestos e os critérios da exclusão; os excluídos, um pouco menos.”²¹ Já a abordagem do cultural feita por Bakhtin em seu trabalho sobre a relação entre Rabelais e a cultura popular de seu tempo é vista por Ginzburg com perspectivas positivas.

É bem mais frutífera a hipótese formulada por Bakhtin de uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante.²²

Nesse momento, Ginzburg adota como modelo de apreensão do cultural o conceito de *circularidade cultural* formulado por Bakhtin e o repropõe para as suas pesquisas.

5.2- Menocchio: Um moleiro e sua temporalidade.

Uma farta documentação referente ao processo inquisitorial do moleiro Domenico Scandella, dito Menocchio, proporciona a Carlo Ginzburg uma pesquisa rica em dados envolvendo a cultura popular e erudita para o período renascentista. A proposta de *circularidade cultural* para a compreensão da rede de relações que envolve o moleiro ocorre de acordo com a relevância dada ao tempo e espaço em que ele está

²¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 21.

²² Idem, pg. 23.

inserido.

Aos olhos dos contemporâneos Menocchio era um homem, ao menos em parte, diferente dos outros. Mas essa singularidade tinha limites bem precisos: da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. (...) Com rara clareza e lucidez, Menocchio articulou a linguagem que estava historicamente à sua disposição.²³

A avidez com que Menocchio articulou e assimilou a linguagem de seu tempo é o aspecto fundamental para a interpretação desse personagem realizada por Carlo Ginzburg. O respeito pelas delimitações de tempo/espaço existentes no objeto de análise tendo em vista também o lugar e tempo de quem o analisa – neste caso, o historiador – fazem parte do trato da objetividade histórica na tentativa de captar a imagem do passado de que Menocchio fez parte. Segundo esta constatação, a rede de relações é captada com um constante exercício de interatividade e conexão entre o macro e o micro, se unindo a uma proposta de pesquisa de caráter indiciário e morfológico.

A partir da observação feita por Carlo Ginzburg do “influxo recíproco” existente entre as leituras realizadas por Menocchio e a cultura oral de seu tempo é que se delineou o trajeto feito pelo personagem para a percepção do mundo, o que afirma ser o moleiro um leitor não passional, mostrando-se apto a uma postura mais crítica e pessoal com relação ao conhecimento adquirido. Esse caráter leva à conclusão de dois fatos: primeiro, o distanciamento de sua comunidade e de seus membros; segundo: por mais que ele possua uma postura diferente perante a percepção da realidade, ele não deixa de estar inserido dentro do tempo e espaço em que vivenciou suas experiências, pois como afirma Ginzburg, a possibilidade de um caso como Menocchio aconteceu pela

²³ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 25.

“invenção” da imprensa e a Reforma.

5.3- O Personagem e a construção de sua identidade por Carlo Ginzburg.

Chamava-se Domenico Scandella, conhecido por Menocchio. Nasceu em 1532 (quando do primeiro processo declarou ter 52 anos), em Montebelluna, uma pequena aldeia nas colinas do Friuli, a 25 quilômetros de Pordenone, bem protegida pelas montanhas. Viveu sempre ali, exceto dois anos de desterro após uma briga (1564-65), transcorridos em Arba, uma vila não muito distante, e numa localidade não precisada da Carnia. Era casado e tinha sete filhos; outros quatro haviam morrido. Declarou ao cônego Giambattista Maro, vigário-geral do inquisidor de Aquilêia e Concórdia, que sua atividade era “de moleiro, carpinteiro, marceneiro, pedreiro e outras coisas”. Mas era principalmente moleiro; usava as vestimentas tradicionais de moleiro – veste, capa e capuz de lã branca. E foi assim, vestido de branco, que se apresentou para o julgamento.²⁴

Nessa passagem, Ginzburg apresenta elementos que serão esmiuçados e mapeados para o aprofundamento da reconstituição da identidade do moleiro Domenico Scandella. Nela, encontramos dados de sua estrutura familiar como casamento, esposa e filhos, sua residência, seu trabalho e, conseqüentemente, dentro dessa rede que vai se configurando, o lugar social que ocupa. Devido à riqueza documental existente sobre essa interessante figura do século XVI, Ginzburg pôde realizar um exercício de pesquisa com excelentes perspectivas de reconstituição histórica.

Alguns elementos importantes para a captação da identidade de Menocchio podem ser descritos da seguinte forma:

A família. A estrutura familiar de Domenico Scandella foi um elemento de grande influência a delimitar a sua identidade, mostrando-se como um ponto de equilíbrio entre as suas idéias e as suas atitudes. É durante o segundo processo que pode ser percebido o

²⁴ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 37.

peso da família para o desfecho dos acontecimentos.

Evitado pelos filhos, que o consideravam um peso, uma desonra para a aldeia, uma ruína para a família, (...). Agora invocava desesperadamente a morte. Mas a morte se esquecera dele: “[...]; fez justamente o contrário, levando-me um filho [...]; depois me levou a mulher”. Então se amaldiçoava: “[...] se eu tivesse morrido há quinze anos” – quando, para desgraça sua e de seus filhos, começaram os problemas com o Santo Ofício.²⁵

As evidências indicam que seu filho Ziannuto e sua esposa foram as pessoas por quem mais possuía estima e agiam em seu favor, porém, nesse momento, estavam mortos. O sentimento de abandono e solidão e o fato de já não mais haver algum laço familiar de grande peso, como tudo indica, tornou insignificante o sentido de calar-se diante das autoridades eclesiais. O papel que exercia na família tornou-se menor do que a vontade de exprimir as suas idéias perante as autoridades.

Durante os dois processos sofridos por Menocchio a influência familiar demarcou o desfecho de suas atitudes. E tal fato pode ser constatado pela contradição da postura tomada por ele durante o primeiro e o segundo processos inquisitoriais. Pode-se perceber que a interação com o seu meio e particularmente com os laços afetivos e desempenho de responsabilidades contribuíram nas decisões tomadas com relação a sua sorte nos processos.

A comunidade. A relação de Menocchio com sua comunidade foi intensa, desempenhando funções e sendo reconhecido como pessoa de bem. O “carisma” que possuía pode ser verificado nesta passagem:

Nos testemunhos recolhidos pelo vigário-geral não se percebe o que se chamaria de verdadeira hostilidade em relação a Menocchio, no máximo desaprovação. É verdade que entre aqueles existiam parentes, como Francesco Fasseta ou Bartolomeo di Andréa, primo de sua mulher, que o definiram

²⁵ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pgs. 178/179.

como “homem de bem”.²⁶

Segundo Ginzburg, certamente esse moleiro demonstrava ser um homem de boa conduta, com uma sólida relação, exercendo funções e cumprindo responsabilidades dentro de seu meio. A região do Friuli, e, particularmente, a aldeia de Montereale, possuía uma escassa população devido à precariedade da região. O fato de saber ler e escrever já lhe delegava um destaque social dentro da comunidade. A sua importância é afirmada por Ginzburg no momento em que depois de sua liberação pelo Santo Ofício no primeiro processo retoma as relações em sua aldeia e desempenha papéis dentro de sua organização social. Com a verificação de seu desempenho social em sua comunidade é possível para Ginzburg filtrar a imagem de seu personagem, e mesmo, compreender a estrutura que envolvia seu objeto histórico.

A profissão. A profissão como elemento da identidade de Menocchio estava vinculada a um espaço simbólico e representativo. Tomemos como exemplo o momento em que Ginzburg transcreve a citação do interrogatório que descreve a vestimenta de seu personagem. A identificação da profissão era feita pela vestimenta exibida pelo indivíduo em determinados lugares sociais. Ela possuía a função de identificador de seu papel dentro da sociedade, e pelos símbolos determinava o lugar social dos indivíduos.

Em outro momento, o ofício de moleiro também permite a Ginzburg a constatação do que poderia ser favorecido ou influenciado através do desempenho de determinada profissão. No caso do moleiro, o ambiente físico e a relação que exercia na sociedade favoreciam tanto quanto uma taverna discussões e trocas de conhecimentos entre diferentes indivíduos.

²⁶ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 40.

A acusação de heresia casava muito bem com tal estereótipo. Contribuiu para alimentá-la o fato de o moinho ser um lugar de encontro, de relações sociais, num mundo predominantemente fechado e estático. Um lugar de troca de idéias, como a taverna e a loja. Com certeza, os camponeses que se amontoavam nas portas do moinho (...), para moer os grãos, deviam falar sobre muitas coisas. E moleiro dava a sua opinião.²⁷

O desempenho do ofício de moleiro também foi verificado com a citação de um outro moleiro denominado Pighino, contemporâneo de Menocchio e que possuía idéias muito próximas às de Menocchio.

Na verdade, esses dois moleiros, que viveram a centenas de quilômetros um do outro e morreram sem se conhecer, falavam a mesma língua, respiravam a mesma cultura.²⁸

Abordar a questão cultural que envolvia essas figuras do Renascimento e analisá-las muito além de sua profissão será tarefa do próximo capítulo desta monografia.

Erudição e Solidão.

Nesse caso, o fato de saber ‘ler, escrever e somar’ deve ter favorecido Menocchio. Os administradores, em geral, eram escolhidos quase sempre entre pessoas que tinham freqüentado escola pública de nível elementar, às vezes aprendendo até um pouco de latim. Escolas desse tipo existiam também em Aviano ou em Pordenone: Menocchio deve ter passado por uma delas.²⁹

Os relatos que informam o lugar social de Menocchio em sua comunidade, sobretudo o desempenho de funções dentro de sua comunidade depois do primeiro processo inquisitorial, quando foi liberado de parte da sentença que sofreu, evidenciam a importância de sua “erudição” perante os membros dessa comunidade. Nesse caso, ele era um camponês detentor da leitura e da palavra escrita, e isso o delegava cargos de relativa importância e posição social, por um lado, e, por outro, permitiu o encontro de duas realidades, a da erudição – encontrada nos livros que teve conhecimento – e a de

²⁷ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 192.

²⁸ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 199.

²⁹ Idem, pg. 38.

uma cultura oral – vivenciada em sua comunidade. O encontro dessas duas realidades fez de Menocchio um solitário mesmo em um meio onde atuava com frequência, pois o mundo de suas idéias não se integrava à sua vida cotidiana. Tal dualidade fez deste personagem uma figura singular de seu tempo; singular enquanto diferente nas idéias e atitudes de seu meio, mas totalmente adequado e inserido em sua temporalidade. Esse “isolamento” em que vivia Menocchio era gerado pela incompatibilidade de seu raciocínio mais aguçado com relação ao de seus semelhantes. A falta de indivíduos que compartilhassem de suas convicções ou mesmo entendessem suas idéias justifica, em parte, a atitude de Menocchio perante as autoridades inquisitoriais. A necessidade de compartilhar com alguém as suas opiniões era tão significativa, que, se pudesse, falaria até ao papa, não se importando se depois fosse punido.

5.4- Do que é constituído *O queijo e os vermes*?

Compreender a cosmogonia e as idéias de Menocchio como vimos anteriormente é, para Carlo Ginzburg, tecer uma rede de relações entre o personagem e o seu contexto, onde as suas idéias são reconstituídas a partir do exercício de pesquisa detalhado sobre o cotidiano desse moleiro.

Mais uma vez, temos a impressão de estar num beco sem saída. Antes, diante da extravagante cosmogonia de Menocchio, nos perguntamos por um momento, como já o fizera o vigário-geral, se não se tratava do discurso de um louco. Descartada essa hipótese, o exame de sua eclesiologia sugeriu uma outra: talvez Menocchio fosse anabatista. Abandonada também essa possibilidade, defrontamos com a informação de que Menocchio se julgava um mártir “luterano”: daí o problema de suas relações com a Reforma. Entretanto, a proposta de inserir as idéias e crenças de Menocchio num veio profundo de radicalismo camponês trazido à luz pela Reforma (mas independente dela) parece ter sido ostensivamente contradita pela lista de

leituras que reconstruímos com base nos documentos processuais. Até que ponto poderemos considerar representativa uma figura tão pouco comum, um moleiro do século XVI que sabia ler e escrever? E, além disso, representativa do quê? Com certeza, não de um veio de cultura camponesa, já que o próprio Menocchio apontava uma série de livros impressos como fonte de suas idéias. De tanto nos debatermos contra os muros desse labirinto, retornamos ao ponto de partida.³⁰

A passagem citada acima ilustra o mapeamento realizado por Ginzburg com o intuito de apreender as raízes de uma postura tão singular como a do moleiro. Menocchio construiu seu próprio “corpus” de idéias que englobava grande parte dos questionamentos sobre a condição humana com o fim de suprir as lacunas que o pensamento católico deixava.

A utilização do conceito de *circularidade cultural* proporciona nesse momento a chave para compreender precisamente a “representação cultural” de Menocchio. Depois de um intenso mapeamento do cotidiano e da formação intelectual, o que dizer de Menocchio? Ele era um legítimo representante de alguma classe, da tolerância medieval, de sofisticadas teorizações religiosas ou um louco? Como afirma Ginzburg, seria inútil enquadrá-lo em algum seguimento preciso. A alternativa mais plausível de entender a forma como ele organizou as suas idéias e construiu a sua cosmogonia é captar a partir dos indícios o comportamento e as “respostas” que ele apresentou diante das leituras que fez e a tradição oral de que fez parte. Para Ginzburg, seu personagem, inconscientemente, colocava um “filtro” entre a tradição oral e a palavra escrita. O exemplo desse “influxo recíproco” que gerava uma “mistura explosiva” em sua mente é comprovado quando enfatizava certas passagens e ocultava outras, ou quando exagerava no significado de determinada palavra isolando-a do contexto. Vários são os momentos em que Ginzburg propõe os filtros interpostos por

³⁰ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. pg. 79-80.

Menocchio.

Segundo Ginzburg, as idéias de Menocchio estão ligadas ao desejo de compreender a origem e a realidade da condição humana, e, assim, justificar um mundo onde as relações humanas sejam mais justas e livres do poder opressor da Igreja e de seus membros. Ao longo de sua trajetória, Menocchio constrói um modelo de doutrina religiosa adaptando o catolicismo ao conjunto de leituras que teve acesso e à cultura oral da qual ele fez parte.

A exigência de uma Igreja que abandonasse seus privilégios, que se fizesse pobre com os pobres, ligava-se à formulação, na esteira dos Evangelhos, de um conceito diferente de religião, livre de exigências dogmáticas, resumível a um núcleo de preceitos práticos: “Gostaria que se acreditasse na majestade de Deus, que fôssemos homens de bem e que se fizesse como Jesus Cristo recomendou, respondendo àqueles judeus que lhe perguntaram que lei deveria seguir. Ele respondeu: ‘Amar a Deus e ao próximo’. Uma tal religião simplificada não admitia, para Menocchio, limitações confessionais.”³¹

Em sua cosmogonia, o moleiro nega o papel divino para origem do mundo, como era apresentado pela Igreja. Para o personagem, tudo era caos e do caos surgiu Deus, os anjos e tudo mais. A negação da divindade criadora é vista, é claro, com grande desaprovação pela Inquisição. As contestações feitas por Menocchio se inserem na capacidade que este autodidata tinha em questionar as ‘verdades’ e exigências impostas pelos membros do catolicismo. O desejo de compreender o que está se passando o faz questionar o saber imposto pela Igreja, e pode ser analisado a partir de dois pontos: O momento da Reforma, propiciador de uma série de questionamentos do poder oriundo da Igreja, e a imprensa.

Então temos: negação da doutrina, negação dos livros sagrados, insistência exclusiva no aspecto prático da religião: “Ele [Menocchio] me disse também só acreditar nas boas obras”- declara Francesco Fasseta.³²

³¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 48.

³² GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 51.

Neste trecho percebemos os principais critérios do pensamento de Menocchio, o que ele contesta e o que ele defende como doutrina religiosa. O moleiro anseia por um mundo mais humano, distante do que ele vivencia em sua comunidade. Quando ele questiona e repropõe a religião, o faz de maneira a interferir na estrutura social.

Um exemplo ilustrativo da desaprovação da doutrina católica é o modo como ele lida com os ritos sacramentais. A missa, por exemplo, é percebida como um instrumento que tolhe a autonomia dos homens, um meio que os “superiores” utilizam para impor as suas regras e dominar os outros. Já a sua opinião em relação à sagrada escritura não estabelece diferenciação entre evangelhos apócrifos e canônicos, e ainda afirma a existência de uma intervenção dos evangelistas nas escrituras de modo a causar um distanciamento da simplicidade que ele crê existir na palavra de Deus. A religião e a santidade para Menocchio são encaradas de modo diferente, mais como um modelo de vida do que um meio para se alcançar o paraíso. Desta forma, os seus ideais e determinações voltam-se para o plano material, não para o espiritual.

E Cristo era para ele nada mais do que um homem. Coerentemente, portanto, qualquer idéia de milenarismo lhe era estranha. No decorrer de suas confissões jamais aludiu ao segundo advento. Logo, o “mundo novo” que desejava era uma realidade exclusivamente humana, a ser alcançada por meios humanos.³³

Entender o pensamento de Menocchio e o seu desejo por um mundo novo, sem a opressão e dominação de uma Igreja rica e opressora, para Ginzburg, é, antes mesmo de tentar demonstrar a forma como o moleiro expõe o seu pensamento, buscar a partir dos indícios que chegaram até nós a reconstituição das bases que o propiciaram.

³³ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 142.

Das considerações feitas por Ginzburg acerca do momento histórico em que estava inserido o seu personagem, foi o movimento reformista que permitiu e divulgou para todos os âmbitos da sociedade a possibilidade de questionamentos e contestações das atitudes e do poder da Igreja. Neste momento, diversos ideais e propostas estavam se disseminando e a imprensa proporcionou a publicação e difusão de livros (inclusive os considerados como heresia pela Igreja) que traziam para o ainda pequeno público leitor um leque de novidades e opções. Contudo, tentar enquadrar Menocchio nos termos de algum movimento de contestação como o luteranismo ou o anabatismo se tornava limitado diante de suas idéias. Ginzburg acredita na “influência” de “um ramo autônomo de radicalismo camponês” que emergiu com a Reforma e sendo suas origens de momento anterior.

Dois grandes eventos históricos tornaram possível um caso como o de Menocchio: a invenção da imprensa e a Reforma. A imprensa lhe permitiu confrontar os livros com a tradição oral em que havia crescido e lhe forneceu as palavras para organizar o amontoado de idéias e fantasias que nele conviviam. A Reforma lhe deu audácia para comunicar o que pensava ao padre do vilarejo, conterrâneos, inquisidores - mesmo não tendo conseguido dizer tudo diante do papa, dos cardeais e dos príncipes, como queria.³⁴

Com a abordagem desse momento histórico, compreender a postura de Menocchio deixa de ser, para Ginzburg, simplesmente a análise de um objeto particular e solto no tempo e no espaço. É uma figura diferenciada de seu meio, mas ele existiu, fez parte de um determinado processo histórico e a sua identidade está diretamente relacionada com esse momento, assim, a problematização exposta por Ginzburg também se insere em uma questão mais específica dos vestígios obtidos da imagem de seu objeto. Menocchio era um camponês autodidata; ele sabia ler e escrever, e, mais além, compreendia que o acesso ao conhecimento transmitido nesses moldes era um

³⁴ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 30.

instrumento de poder.

Quando Ginzburg faz o estudo das possíveis obras e ideais que chegaram a este moleiro, ele deixa claro e evidente o encontro que se tem da palavra escrita com a cultura oral. Para Ginzburg, Menocchio estava longe de ser um leitor passivo, e a série de questionamentos colocada aos livros ia muito além da página escrita

Vimos, portanto, com Menocchio lia seus livros: destacava, chegando a deformar, palavras e frases; justapunha passagens diversas, fazendo explodir analogias fulminantes. Toda vez que confrontarmos os textos com suas reações a eles, seremos levados a postular que Menocchio possuía uma chave de leitura oculta que as possíveis relações com um ou outro grupo de heréticos não são suficientes para explicar. Menocchio triturava e reelaborava suas leituras, indo muito além de qualquer modelo preestabelecido. Suas afirmações mais desconcertantes nasciam do contato com textos inócuos, como *As viagens* de Mandeville, ou a *Historia Del Giudicio*. Não o livro em si, mas o encontro da página escrita com a cultura oral é que formava, na cabeça de Menocchio, uma mistura explosiva.³⁵

5.5- A construção do conhecimento histórico em *O queijo e os vermes*.

O queijo e os vermes é uma importante obra onde se encontram inseridas toda a erudição e metodologia do historiador juntamente a uma rica documentação.

O processo de reconstituição elaborado por Ginzburg para o entendimento das idéias de um moleiro friulano do século XVI tomou forma e clareza a partir da sua proposta de construção do conhecimento histórico. O paradigma indiciário e o conceito de *circularidade cultural* delinearão a trajetória, a identidade do objeto e a sua leitura dentro do momento histórico ao qual está inserido em função da expressividade do seu universo cultural.

³⁵GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 103.

No prefácio à edição italiana desta obra, como já foi dito, o historiador apresenta a sua opção de leitura para a abordagem cultural. Um “influxo recíproco” entre cultura erudita e popular se torna evidente e coerente no decorrer do livro. Quando o autor realiza um mapeamento das leituras e propostas que estariam em contato com Menocchio, para compreender de onde vem a formação de seu pensamento, ele percebe a distorção feita por Menocchio entre suas idéias e o texto, evidenciando a influência de uma cultura oral. Nesse momento, há o encontro da palavra escrita com a oralidade, o erudito e o popular. Para a problematização desse momento é colocada em questão a importância que há na forma como Menocchio recebe e organiza esses conhecimentos, que se constituiu a partir do seu olhar com relação a essas duas perspectivas, cabendo aí a utilização do conceito de *circularidade cultural* para a apreensão da constituição de suas idéias. Entender esse momento de “influxo recíproco” para Ginzburg se torna viável pelo fato de que ele é um produto de seu tempo. A Reforma permitiu o afloramento de um antigo radicalismo camponês e a possibilidade de contestação das verdades da fé cristã, e a imprensa a “popularização” da palavra escrita. Para elucidar esse fato:

E assim eu disse que blasfemar não é pecado porque não faz mal a ninguém”. Portanto, quem não faz mal ao próximo, não comete pecado: a relação com Deus se torna irrelevante diante da relação com o próximo. E, se Deus é o próximo, por que então Deus?

Na verdade, Menocchio não deu esse último passo, que o teria levado a afirmar um ideal de justa convivência humana, totalmente isento de conotações religiosas. Para ele, o amor ao próximo permanecia como um preceito religioso, ou melhor, o verdadeiro coração da religião.³⁶

A citação acima expõe a *circularidade* que existe quando há o encontro de culturas. Por um lado, existe o conhecimento, a percepção do mundo que está ao seu

³⁶ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, pg. 87.

redor, e, por outro, há a dificuldade em se desvencilhar dos preceitos da religião. Logo, a constituição de seus ideais possui traços que vão além do conhecimento apreendido pela oralidade e pelas leituras que fez, mas, mesmo assim, esses seus ideais não possuíam autonomia ao ponto de se tornarem um conhecimento desvencilhado de seu contexto temporal.

Na citação acima, percebemos o fato de que Menocchio reuniu todos os elementos para negar a existência de Deus, mas ele não o fez, isso porque não existe qualquer fundamentação fora dos limites de sua temporalidade. O ser humano naquele momento não estava “apto” a negar a existência de Deus ou quem sabe a suportar a relação de independência da doutrina religiosa. Portanto, Menocchio é reconhecido como um camponês autodidata, que reuniu elementos oriundos das leituras que fez e da cultura que recebeu através da oralidade e os adaptou às suas idéias. Contudo, isso ocorreu somente pelas possibilidades de seu tempo e de um movimento de contestação ao poder religioso, fato que pode ser observado em outras figuras de seu tempo, como exemplifica Ginzburg nessa obra.

A coleta de dados e o exercício da pesquisa seguiram seu “fio condutor”, o paradigma indiciário. O uso da morfologia é constante, assim como a análise qualitativa. Sempre em função dos indícios que a documentação fornece, Ginzburg tece uma rede de dados e trabalha constantemente com a leitura das dimensões culturais, de acordo com os símbolos e pistas que proporcionam a leitura de seu objeto. Neste trabalho sobre o Moleiro, e para a sua conexão, Ginzburg, além de suas propostas, como o paradigma indiciário e a *circularidade* faz uso da variação da escala tão cara aos seus companheiros micro-historiadores.

A escolha de *O queijo e os vermes* para o desenvolvimento de uma pesquisa de cunho historiográfico acerca do historiador italiano Carlo Ginzburg nesta monografia ocorreu pelo fato de que esse também é um trabalho que exemplifica perfeitamente as discussões teóricas e metodológicas do grupo de micro-historiadores italianos.

Durante a análise da historiografia da micro-história foi perceptível a convergência dos pontos em comum desses historiadores e, conseqüentemente, a importância que desempenharam em seus trabalhos. Um exemplo cujo relevo fora crucial foi o uso da variação da escala empregada por Ginzburg ao longo da reconstituição histórica de Menocchio para a construção de sua identidade. O “jogo” feito por Ginzburg entre o conhecimento específico construído por Menocchio e o contexto em que esteve inserido proporcionou para a História do período renascentista uma nova perspectiva acerca dos “níveis” culturais que compreendiam esse período na Europa. Como fora mencionado anteriormente, é a partir da utilização da variação da escala que pode ser realizada a proposta de *circularidade* desenvolvida pelo historiador para a apreensão de seu objeto.

6- Conclusão

“Eu disse que segundo meu pensamento e crença tudo era um caos, isto é, terra, ar, água e fogo juntos, e de todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos”[...].³⁷

O trabalho de reconstituição histórica realizado por Carlo Ginzburg na tentativa de resgatar o imaginário de um camponês autodidata do período renascentista não só se firmou como um interessantíssimo estudo de caso que desvenda o imaginário de um moleiro e sua cosmogonia, como também resgatou uma rede de relações que representava a cultura daquele período.

Compreender o que há por trás da cosmogonia de Menocchio se torna viável na medida em que Ginzburg busca retratá-lo dentro de sua contextualização, resgatando juntamente com a análise da documentação inquisitorial a rede de relações que permitiu a sua existência.

Mas além de um profícuo trabalho teórico aliado à pesquisa histórica, o que um estudo de caso como o de Menocchio significa para uma renovação da História?

Portanto, há um valor sintomático num caso-limite como o de Menocchio. Ele repropõe, com força, um problema cuja importância só agora se começa a perceber: as raízes populares de grande parte da alta cultura européia, medieval e pós-medieval. Figuras como Rabelais e Bruegel não foram, provavelmente, exceções notáveis.³⁸

A importância das diversas dimensões culturais que Ginzburg evidencia nesse estudo apresenta ao campo historiográfico novas abordagens para a leitura do imaginário cultural – este sim mais amplo – referente ao período renascentista.

O sucesso de um resgate histórico como esse proporciona ao saber histórico

³⁷ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. pg. 43.

³⁸ Idem, pgs. 200/201.

perspectivas de reação diante de toda a problematização que envolve questões sobre uma certa crise de identidade dos historiadores em função dos parâmetros de objetividade histórica nas últimas décadas do século XX.

Um balanço historiográfico da discussão travada nessa monografia pode ser elucidado com o artigo da historiadora Hebe de Castro “História Social” publicado no livro *Domínios da História*. Não se trata aqui de apresentar uma nova discussão a esta monografia com o texto de Hebe Castro, mas recolocar a discussão da História Social, presente ao longo deste trabalho. A tentativa de caracterizar o contexto em que se insere a micro-história e o historiador Carlo Ginzburg ocorre através da crescente discussão historiográfica voltada para as relações sociais que envolveram o campo histórico ao longo do século XX, sobretudo a partir de 1960. É nesse momento que o social ganha uma nova perspectiva e os historiadores aprofundam o debate acerca dos níveis de abordagem sobre o social. A dinâmica histórica tornou-se o referencial para as perspectivas de produção do conhecimento histórico entre os historiadores das mais diversas vertentes. Essa discussão não se deteve apenas na já “tradicional” contemporânea escola francesa, mas contou com um grande número de historiadores como os ingleses e, é claro, os italianos.

(...)A ênfase na cultura, uma relativa redução da escala de análise e a predominância de perspectivas antropológicas em relação às tendências sociologizantes do período anterior são características comuns que camuflam debates e uma imensa diversidade de objetos e abordagens.³⁹

Como poderíamos caracterizar, então, a micro-história, sua formação e seu papel dentro do contexto historiográfico? Será plausível afirmar que as origens desse movimento surgiram em função da necessidade dos historiadores em abarcar o objeto

³⁹ CASTRO, Hebe de. *História Social*. In: *Domínios da História*, pg.51.

histórico nas suas mais diversas apreensões, e, para isso, a dinâmica dentro do campo metodológico proporcionou aos historiadores a ampliação da leitura desse objeto, fragmentando o saber histórico. O anseio por uma História total perdeu espaço para a ampliação do “corpus” do objeto e sua fragmentação foi a principal resposta dos historiadores para esse momento.

Concluir uma monografia que pretende uma discussão historiográfica como essa não é tarefa fácil e muito menos se finda com essas páginas. O que podemos dizer quando fechamos um estudo sobre a proposta realizada por um historiador como Carlo Ginzburg para o campo histórico e em uma obra como *O queijo e os vermes* é saber de resultados para a apreensão do cultural e para a reconstituição histórica em tempos que o anseio por uma História total nos parece impossível. Podemos dizer que a micro-história, parafraseando Peter Burke (em relação aos *Annales*), proporcionou uma mudança profunda para o ofício de historiador, e, finalmente, que a História Social nunca mais será a mesma.

7- Fontes

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso. SP: Cia das Letras, 1987.

_____. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e História*. Trad. Frederico Carotti. SP: Cia das letras, 2001.

_____. *Relações de força. História, retórica, prova*. Trad. Jônatas Batista Neto. SP: Cia das letras, 2002.

8- Referências bibliográficas

- BURKE, Peter. *A escrita da história. Novas perspectivas*. Trad. de Magda Lopes. SP: Ed. UNESP, 1992.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. RJ: Campus, 1997.
- GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Trad. Antônio Narino. Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1989.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Esta história que chamam micro”. IN: GUAZZELLI, C. A. B., PETERSEN, S. R. F., SCHMIDT, B. B., XAVIER, R. C. (organizadores) *Questões de teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000, p. 209-34.
- REVEL, Jacques. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Trad. Dora Rocha. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história. Os protagonistas anônimos da história*. Ed. Campus.

Monografia de Bacharelado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto, sendo avaliadores os seguintes professores:

Prof(a). Dr(a) Helena Miranda Mollo
Orientadora

Prof. Dr. Ângelo Alves Carrara

Prof(a). Dr(a) Andréa Lisly Gonçalves